

O SILENCIAMENTO DA MULHER NA LITERATURA AMAZONENSE E O PROTAGONISMO DE VIOLETA BRANCA E VERA DO VAL

Francineide dos Anjos Teixeira ¹

RESUMO

O papel da mulher na literatura amazonense teve ênfase no projeto em evidência, buscando os registros e/ou discutindo a ausência deles na história da literatura do Estado do Amazonas. Sendo assim, o objetivo foi investigar os silenciamentos e os desafios da mulher na literatura amazonense e o protagonismo das autoras Violeta Branca e Vera do Val. A metodologia possuiu cunho qualitativo por ter embasamento bibliográfico com ênfase nos registros históricos, realizou-se então, uma pesquisa a fim de averiguar as causas que dificultaram o reconhecimento das escritoras amazonenses e em seguida houve uma discussão com os alunos envolvidos sobre os problemas encontrados. Na sequência, teve a leitura e análise dos seguintes livros “O imaginário da floresta – Lendas e histórias da Amazônia” de Vera do Val e “Ritmos de inquieta alegria” de Violeta Branca. Por meio das leituras que fundamentaram o estudo, constatou-se que quando as mulheres começaram escrever textos literários, não tinham credibilidade, foram silenciadas durante muito tempo. Existia a precariedade da escrita e as editoras e instituições decidiam quem poderia publicar. Na literatura do amazonense houve também o silenciamento das escritoras, cenário onde poucas mulheres aparecem e tem destaque. Por esse motivo Vera do Val e de Violeta Branca, foram estudadas no espaço escolar dando voz as autoras e a literatura amazonense. Os alunos leram e analisaram os poemas de Violeta Branca, nos quais foram evidenciados os vestígios do silenciamento feminino na época. Portanto, a pesquisa contribuiu para reflexão sobre a discriminação feminina e possibilitou que a temática equidade de gênero na literatura fosse discutida na prática escolar.

Palavras-chave: Literatura amazonense, silenciamento feminino, equidade de gênero.

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizou-se no Colégio Nossa Senhora do Carmo Parintins/AM, e faz parte do PCE (Programa Ciência na Escola), financiado pela FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas). O silenciamento da mulher na literatura amazonense teve ênfase neste estudo, buscando os registros e discutindo a ausência deles na história da literatura amazonense.

A luta da mulher ao longo da história por direitos iguais foi de forma lenta, havia o silenciamento feminino nos mais diversos setores, por imposição da sociedade e política, as rupturas nem sempre eram visíveis e bem vistas, pois a ideia predominante era que mulher tinha que se dedicar somente aos serviços domésticos, “aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Este silêncio imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA/CESP. Mestre em Ciências da Educação, Universidad Nacional Experimental de Los Llanos Occidentales Ezequiel Zamora U.N.E.L.L.E.Z, francedos@hotmail.com

também da expressão, gestual ou escriturária” (Perrot apud Woitowicz, 2008, p. 10). Eram poucas que ousavam desobedecer, a autora também faz uma reflexão sobre a ausência das mulheres na narrativa historiográfica, pois praticamente não há registro nos arquivos públicos. Até os meios de comunicação mais íntimos das mulheres, como cartas e diários, foram destruídos propositalmente, apagando as memórias, silenciando os sentimentos femininos. Com isso, pouca coisa se encontrou desse registro privado.

Quanto o lugar da mulher na escrita literária, as conquistas femininas na literatura foi rompendo as barreiras, pois escrever era privilégio dos homens, as mulheres não eram nem alfabetizadas. No Brasil, somente em meados do século XIX, de forma muito lenta as mulheres passaram a integrar o sistema de ensino e os colégios eram particulares.

No século XX, algumas mulheres no Brasil ganharam espaço e destaque na literatura, Rachel de Queiroz, foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras e Clarice Lispector se tornou uma das escritoras brasileiras mais importantes do século. Na literatura amazonense as mulheres escritoras, tornaram-se invisíveis ao reconhecimento durante muito tempo, suas escritas eram consideradas inferiores, vistas como amadoras, silenciando as mulheres na história literária.

No entanto, elas vêm marcando espaço, algumas escritoras já tiveram o devido reconhecimento pelas suas obras publicadas, mesmo assim ainda são pouco estudadas. Diante disso, este trabalho em evidência abordará um tema pertinente na atualidade que é a igualdade de gênero e/ou a busca por esse direito, com ênfase no papel da mulher na literatura amazonense, especificamente sobre duas autoras Violeta Branca e Vera do Val. Investigando os desafios da mulher para obter o reconhecimento, procurando os vestígios e discutindo o porquê do silenciamento feminino no percurso literário e como se tornaram protagonistas e conquistaram espaço no meio acadêmico.

Na Proposta Curricular e Pedagógica do Ensino Fundamental e Ensino Médio do Estado do Amazonas (PCP, 2021), seguindo as recomendações da BNCC, faz orientações para o trabalho com os temas contemporâneos transversais dentro dos componentes curriculares. Também destaca a Equidade de Gênero, pois a escola é o lugar onde frequentemente se problematiza tais realidades, sendo assim, torna-se o espaço adequado para se trabalhar a temática, combatendo as discriminações e oportunizando discussões pertinentes.

Sendo assim, não basta ter documentos estabelecendo a igualdade de gênero, esta precisa acontecer na prática e dar condições a fim de se obter a equidade, o conhecimento desse direito é a palavra chave para a ampliação da maneira de pensar e agir socialmente, principalmente as mulheres mais desfavorecidas, com oportunidades iguais, estabelecidas por

meio do respeito e reconhecimento de suas potencialidades, torna-se imprescindível educar meninos respeitosos a causa feminina, somente assim teremos uma sociedade mais justa quanto a equidade de gênero.

METODOLOGIA

A metodologia foi de cunho qualitativo por ter embasamento bibliográfico com ênfase nos registros históricos, já levantado por autores que possuem trabalhos aprofundados sobre o tema, foi desenvolvida na prática do contexto escolar por ser socialmente relevante. Para isso foram realizadas as seguintes etapas.

No primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de averiguar as causas que dificultaram o reconhecimento das escritoras amazonenses e em seguida houve uma discussão sobre os problemas encontrados.

Na sequência, houve a leitura das obras “O imaginário da floresta – Lendas e histórias da Amazônia” de Vera do Val e “Ritmos de inquieta alegria” de Violeta Branca; com intuito de conhecer as obras das escritoras amazonenses.

Após a leitura foram colocadas as atividades visando obter subsídios para análise da pesquisa, como identificar as temáticas nas obras e discutir oralmente o protagonismo feminino das autoras e análise da linguagem utilizada em “Ritmos de inquieta alegria”, a fim de encontrar os vestígios do silenciamento feminino vivenciado na época. Em seguida, os trabalhos escritos dos alunos foram analisados.

A última atividade foi uma roda de conversa contemplando um dos objetivos do projeto, promover uma discussão sobre os problemas encontrados e sobre a equidade de gênero na literatura amazonense, realizada com uma das turmas de 9º ano, na ocasião vídeos sobre a temática foram colocados para contextualizar e iniciar a discussão. Observou-se pelos comentários dos alunos que estes entenderam quais foram ou são os desafios da mulher na literatura amazonense, possibilitando a reflexão e discussão sobre a equidade de gênero na sociedade. O projeto foi realizado em uma Escola pública Estadual do Município de Parintins.

REFERENCIAL TEÓRICO

A primeira parte da pesquisa foi realizada leitura bibliográfica com ênfase nos registros históricos sobre a temática. Averiguou-se as causas que dificultaram o reconhecimento das escritoras amazonenses.

1. A PRECARIEDADE DA ESCRITA: AS VOZES DE AUTORIDADE RESPONSÁVEIS PELA LITERARIZAÇÃO OU DESLITERARIZAÇÃO DE UMA OBRA

A precariedade das condições dos meios de produção intelectual do Brasil, “por volta de 1836 era mais do que modesta a infraestrutura essencial à produção escrita e à sua circulação” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2002, p. 124). No primeiro número da revista *Nitheroy* – Revista Brasiliense, estampa o discurso de Gonçalves de Magalhães, o autor expõe a marginalidade da poesia no país, “a queixa pode envolver significados mais concretos, pois reitera a falta de condições materiais para a criação literária e o caráter improdutivo da arte” (idem, 2002, p. 124).

O Brasil ainda estava no processo de leitura em voz alta e declamação de versos, a insistência se dava pelo fato de existir “precariedade da escolarização e a falta de editoras podiam gerar compromissos estranhos entre a produção letrada e sua circulação” (idem, p. 134, 2002). Além disso, a literatura servia para movimentar a economia e os escritores que possuíam menos condições financeiras precisariam de apadrinhamento. “O acesso restrito aos bens da cultura letrada, [...] do poder exercido por tais classes, não sendo de estranhar que poesia e literatura passem a constituir moeda forte na economia do favor e do apadrinhamento” (idem, 2002, p. 134).

Em sua Dissertação de Mestrado (PAULA, 2018, p. 10), enfatiza que as instituições influenciavam no meio literário da época, “...em interesses outros vinculados ao fortalecimento de instituições que representam vozes de autoridade no cenário literário, como as academias, editoras e associações...”. Observa-se a confirmação do fato por outra autora:

Uma obra literária é um objeto social muito específico. Para que ela exista, é preciso, em primeiro lugar, que alguém a escreva e que outro alguém leia. E, para ela passar das mãos do autor aos olhos do leitor, várias instâncias se interpõem: o editor, distribuidor e livreiros são três delas. O trio constitui uma espécie de corredor econômico pela qual deve passar a obra literária antes que se cumpra a natureza social, de criar um espaço de interação entre dois sujeitos: o autor e o leitor (LAJOLO, 2001, p. 17-18).

Observa-se, então, que um escritor para ter destaque no meio literário precisava apadrinhamento e também despertar o interesse das instituições responsáveis pela circulação dos textos da época, as quais detinham as vozes de autoridade no cenário literário.

2. O LUGAR DA MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA E AMAZONENSE VOZ E SILENCIAMENTO

A história da leitura e da escrita no Brasil mostra que após a mulher ter conquistado o direito de ser alfabetizada, o desafio seria o direito de escrever texto literário e ser considerada escritora, pois os nomes que aparecem como destaque na lista de escritores, são de homens, principalmente nos primeiros movimentos literários. As mulheres eram as leitoras e a leitura era tratada como algo sem importância e rara.

Se, de um lado, a poesia é responsável por ocasiões de aborrecimento e tédio no mundo das personagens romanescas, a leitura é, de outro, atividade rara e superficial. As personagens só se entregam a ela no intervalo ou na ausência de afazeres mais relevantes; e são geralmente femininas as mãos que empunham o livro. Assim como são masculinos os dedos que tomam da pena e do papel, seja para a escrita de memórias póstumas, seja para a autobiografia ou um romance ligeiro, seja ainda para o alinhavo de um descosido memorial. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2002, p. 138).

Registra-se que somente no século XX, algumas mulheres aparecem com mais destaque na literatura brasileira, como Nísia Floresta Brasileira Augusta, foi uma das primeiras mulheres a adentrar o espaço exclusivo dos homens na literatura, publicando textos em jornais. Depois aparecem Rachel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar a Academia Brasileira de Letras, assim como Clarice Lispector se tornou uma das escritoras mais importante do século XX no país.

São muitos os obstáculos para se chegar a um sucesso no meio literário, a classificação de uma obra como cânone, por exemplo, aquelas consideradas obras-primas e selecionadas por um grupo que excluía outros, como as mulheres, negros, etc. Como afirma (ZOLIN apud PAULA, 2018, p. 13), “Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinadas cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental”.

No entanto, uma obra para se tornar universal os temas precisam ultrapassar a dimensão do tempo, tornando a literatura sempre viva em qualquer época. Mas nessa classificação, perdessem obras e autores, ou silenciam suas vozes, onde muitas mulheres escritoras têm suas memórias apagadas da produção literária. “Vozes que, se não ouvidas e pesquisadas, silenciam e, silenciadas, se perdem em meio ao emaranhado de tantas outras vozes que ecoam mais alto...” (idem, 2018, p. 03).

Na Dissertação de Mestrado de (CORDEIRO, 2021, p. 12), a autora cita: “Já as literaturas que não fazem parte do cânone nacional, sendo várias delas chamadas simplesmente

de ‘literatura regional’, permanecem desconhecidas...”. Além disso, são pouco divulgadas e possuem um número de publicação limitada o que dificulta o acesso dos leitores as obras e por terem um valor monetário alto, chegando às mãos de um público limitado.

Na literatura amazonense durante muito tempo as escritoras eram invisíveis ao reconhecimento, houve o silenciamento de suas obras, de suas vozes, por serem consideradas inferiores, foram apagadas da história literária, não sendo registradas como literatura oficial. “No Amazonas, essa luta por projeção, reconhecimento e permanência nas artes foi e ainda é muito acirrada. De modo geral, o artista amazonense, precisa vencer a tradição do silêncio, há muito instituída, além de, não raro, sair da terra para ser reconhecido” (PAULA, p. 08, 2018).

Em meio aos poucos livros produzidos no Amazonas as publicações com nomes masculinos sobressaem e a mulher escritora foi sendo silenciada na história da literatura local. “a ausência de destaques de nomes femininos no campo da literatura amazonense demonstra, mais uma vez, o lugar que a mulher ocupa nessa sociedade machista” (CORDEIRO, 2021, p. 13). A mesma ideia é confirmada por outra autora a seguir. “[...] no Amazonas, bem como em outros lugares, o universo editorial subjugou ou relegou a segundo plano a autoria feminina, que ficou escondida em meio ao grande volume de obras de autoria masculina [...]” (PAULA, 2018, p. 12).

A escritora Violeta Branca precisou que um homem encontrasse sua obra, lesse e reconhecesse como uma produção literária de qualidade, publicado primeiramente em 1935 e republicado em 1998, pela Editora Valer, quando foi encontrado em 1994 por Marcos-Frederico Kruger, o qual escreve a apresentação do livro em sua 2ª edição.

Lembro-me de que, em meados de 1994, numa rua do centro do Rio de Janeiro, eu olhava, sem prestar muita atenção, livros usados postos à venda e expostos ao sol, em plena rua... Súbito, o olhar distraído que lhes dirigia tornou-se vigilante e cético. Despretensioso, sem a capa colorida dos livros mais recentes, ali estava o *Rythmos de inquieta alegria* – assim mesmo, com y e th, para lhe aumentar o mistério... nas letras o nome da autora: Violeta Branca (1998, p. 09).

Violeta Branca era considerada pelo crítico Wilson Martins como autora de um livro esquecido, fato que Marcos-Frederico desmente em sua apresentação: “[...] guardado ciosamente por quem, sensível como os punhais, o possuía, valendo cada estante por um mosteiro medieval onde os Rythmos aguardaram uma Renascença particular” (1998, idem, p. 10).

Como se observa há desvalorização da literatura produzida por mulheres nos diversos cenários, seja nacional ou regional, pois “a sociedade tradicionalmente patriarcal as subjugou a

essa condição social”, (CORDEIRO, 2021, p. 13). Sendo uma literatura produzida a margem daquela considerada oficial, privilégio dos escritores homens, no entanto, as mulheres que produzem literatura resistem e já conseguem obter projeção, mesmo que de forma tímida, elas começam a ocupar espaço e serem vistas e reconhecidas como escritoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. CONHECENDO AS OBRAS DA LITERATURA AMAZONENSE

O trabalho iniciou com a apresentação das obras: “O imaginário da floresta – Lendas e histórias da Amazônia” de Vera do Val e “Ritmos de inquieta alegria” de Violeta Branca, a fim de que os alunos pudessem conhecer obras da literatura amazonense.

A escritora Vera do Val é vencedora de vários prêmios, por retratar a Amazônia em seus contos e lendas, em 2007 ganhou o prêmio literário Cidade de Manaus, e em 2008 o prêmio Jabuti com o livro “História do Rio Negro”.

A obra “O imaginário da floresta – Lendas e histórias da Amazônia”, foi escolhida para ser trabalhada no espaço escolar e entre as lendas selecionadas pelos alunos para leitura, estão: O boto, O vaga-lume, Priprioca, Mãe-d’água, Uirapuru, A criação da noite, A origem dos rios, Vitória-régia, Iapinari, A criação das estrelas, A criação da lua, Pirarucu, Tamba-tajá, Aruanã – Origem dos Karajás e outros povos, Macunaíma, O guaraná e Begorotire. Nesta atividade 99 alunos que participaram, as lendas escolhidas por eles foram compartilhadas na sala de aula.

Por meio da atividade os alunos puderam entender melhor o que é um texto literário, o que são lendas e para que servem, por serem estudantes do Ensino Fundamental precisavam dessa explicação como base para estudos futuros de literatura. Dessa forma, puderam conhecer uma obra de uma autora da literatura amazonense, tão pouco trabalhada na escola pública.

Na leitura seguinte, a escritora Violeta Branca, teve destaque por ser uma das poetisas mais sensíveis do nosso país, nasceu em Manaus a 14 de setembro de 1915, e ainda muito jovem foi a primeira mulher a ingressar na Academia Amazonense de Letras (AAL) no ano de 1937.

“Ritmos de inquieta alegria” publicado em 1935 foi a obra escolhida, a qual se define pelo lirismo e vivacidade no tratamento dos temas. Compõe-se de poemas em que se destaca a ânsia de vida e liberdade, principalmente a liberdade feminina, faz com que os poemas da autora sejam cheios de volúpias amorosas, sensuais, considerado um discurso poético proibido à mulher na época, como afirma Cordeiro (2021, p. 69) na sua dissertação de Mestrado: “A capacidade da mulher em pensar e expor seus pensamentos, mesmo que em literatura, era uma

afronta naquele contexto social”, por esse motivo muitas mulheres usavam pseudônimos masculinos.

Ritmos de inquieta alegria tem como uma das principais características, o lirismo densamente audacioso e, numa linguagem que permite atizar a imaginação, por isso, constitui-se como obra importantíssima na literatura produzida no Amazonas. Como pode ser observado no poema: Perfeição: “A minha ânsia se desdobra e se amplia; / os meus sentidos se elevam / numa harmoniosa confusão de desejos e de fé” (idem, p. 53). Também no poema: Inquietação: “Tudo o que eu avisto, / tudo que me fala, / já não embala a inquietação que arpeja nos meus nervos a / música estonteante / da minha mocidade febril.” (idem, p. 30).

2. ANALISAR NA LINGUAGEM UTILIZADA EM “RITMOS DE INQUIETA ALEGRIA” OS VESTÍGIOS DO SILENCIAMENTO FEMININO NA ÉPOCA

Na leitura e análise da poética de Violeta Branca é possível encontrar os vestígios do silenciamento da mulher na época em que a autora escreveu o livro e também o desejo de libertação em todos os sentidos, transmite segurança de suas convicções e seus poemas possuem muitos significados e são de uma riqueza literária plausível. No trecho do poema “Eu”: “No meu cérebro / passam, numa rapidez inquietante / de navalhas, ferindo, / os pensamentos, / que nem todos podem pensar. / A ressurreição / da claridade delirante de todos os dias de sol / corre em algemas gritantes / pelos meus gestos expressivos.” (BRANCA, 1935, p. 37).

As contradições do poema demonstram a riqueza da linguagem literária de Violeta Branca, o verso “corre em algemas gritantes”, há uma vontade de declarar ao mundo seus desejos e pensamentos incontidos, que não podem mais ser silenciados, por meio da poesia a autora se liberta do que a inquieta e sua voz ressoa longe.

O poema “Inquietação” traz o mesmo desejo: “O que me rodeia / já não me encanta! / Tenho a inquietação de um pássaro entontecido / dançando no azul / das águas que escorrem pelas pedras dos rochedos / na vertigem louca de se atirarem / ao precipício misterioso...” (idem, p. 29). Segundo Tenório Telles nas Evocações líricas e transição modernista em Violeta Branca: “...inquietude diante das velhas fórmulas e conceitos, do sufocamento dos sentidos e da atmosfera de emparedamento vivida no ambiente inóspito da província...” (p. 14).

Já no poema “Minha Lenda”, é revelação da identidade feminina, as suas fases até a descoberta do amor, do sofrimento, e o castigo: “- Não mereces a glória de ser Iara / Não ficarás aqui nem um dia sequer / Vais receber o teu castigo... /...e transformou-me em mulher. ” (idem, p. 28). Além disso, enaltece a cultura local e o ambiente amazônico.

No poema “Canção da vida”, percebe-se também os vestígios do silenciamento, entretanto a autora demonstra que irá resistir: “E, quando se fizer silêncio / em torno de mim, /serei eu que cantarei uma canção tumultuosa / que virá do recinto / de minha alma emotiva, / e que irá queimando o meu instinto, / a minha dor, os meus sentidos...” (idem, p. 45).

Da mesma forma, no poema “Sonhar”, como não pode fazer muitas coisas devido a sua condição de ser mulher, ela procura a libertação através da imaginação, viajando por rotas, fugindo da repressão da época que vivia, sonhando ela poderia alcançar as estrelas e ser o que quisesse, como se confirma no trecho: " Quis ser ave, / quis ser nuvem, / quis ser vento, / quis ser folha tonta / que passasse além / da curva acinzentada da montanha." (idem, 34). A mesma ideia é reforçada no poema “Ritmo”: " O ritmo livre de meus poemas / é igual às asas / que não se prendem em algemas." (idem, p.35).

Nos versos tirados do “Poema do Sol” traz angústia, dúvidas, curiosidades, agonia e inquietude em relação ao que a escritora vivenciava. “Ah! Se a minha vida fosse serena, / sem desejo de libertação, / sem essa ânsia”, a autora demonstra querer ter liberdade para fazer talvez o que não fosse permitido na época. “Mas a inquietação vive dentro de meus nervos que são feixes de sol”, por outro lado Violeta Branca tem esperança ainda que possa estar distante de acontecer: “[...] E eu sou o eco longínquo / dos toques de clarins na guerra [...]” (idem, p.55). A voz que não seria silenciada.

No poema “Encantamento”, a autora mostra para os leitores o seu pensamento, a sua angústia e ansiedade seus poemas possuem significados ocultos, não permitidos na época: “Os meus poemas são as lâminas / de sentimento, /de ansiedade, / com que eu abro uma a uma, /as páginas do sol /do livro de teu pensamento [...]” (idem, p.112).

São palavras extremamente fortes, significando que todas as mulheres são belas, magníficas e esplêndidas, no entanto diferentes e talvez não pensassem como Violeta Branca: “que é meu supremo encantamento de abrir uma a uma, as páginas de sol do livro bizarro do teu pensamento...”. o desejo era de libertação feminina e para acontecer todas as mulheres precisavam abrir o pensamento para a criticidade.

Portanto, Violeta Branca encontrou por meio da poesia a oportunidade de expressar toda a ânsia de libertação, pois a literatura agrega e não oprime, sendo assim, externaliza todos os sentimentos e desejos ocultos de quem a escreve.

3. RODA DE CONVERSA: CONHECER AS CAUSAS QUE DIFICULTARAM O RECONHECIMENTO DAS ESCRITORAS E DISCUTIR O PROTAGONISMO FEMININO DAS AUTORAS E A EQUIDADE DE GÊNERO NA LITERATURA AMAZONENSE.

A roda de conversa iniciou com a apresentação de um slide com as causas que dificultaram o reconhecimento das escritoras amazonense, os subsídios que fundamentam esta parte da pesquisa foram encontrados por meio das leituras de livros e duas dissertações de Mestrados citadas nos textos anteriores e que complementam as referências deste trabalho.

Na sequência foi apresentado o vídeo: Mulheres na história: As mulheres e o acesso à educação (Produção mulheres de luta, textos de Kárita Ferraz, Débora Nakaza, Luana Sá, Vanessa de Araújo Souza, Marisa Silva, Gleicy Palheta), enfatiza a história das mulheres brasileiras desde a colonização, passando pela educação jesuíta até os dias atuais, os alunos comentaram pontos importantes citados no vídeo como: somente os homens estudavam no período colonial, era natural o pensamento de subordinação da mulher na sociedade, além de serem consideradas intelectualmente inferiores.

Além de observarem no vídeo que há registros que uma mulher indígena Catarina Paraguaçu conseguiu burlar a regra e aprendeu a ler e escrever, mas que a habilidade de escrita entre as mulheres era tão rara que até 1627, somente duas senhoras de São Paulo sabiam assinar o nome. Também observaram que por volta de 1678 surgiram os primeiros conventos no Brasil, onde as freiras sem vocação eram levadas pelos pais que tinham receios de dividir seus bens com os futuros genros, neste local também ficavam as mulheres abandonadas por seus esposos, pois era vergonhoso na época uma mulher separada.

Ainda relataram que o vídeo enfatiza que após a expulsão dos missionários da colônia, o estado assumiu a responsabilidade com a educação e as mulheres passaram a ser autorizadas a frequentar a escola separada dos homens, lá aprendiam além de ler e escrever as disciplinas da arte do lar, para formar boas senhoras, algumas matérias elas não estudavam somente os homens, então o estudo era diferenciado, quando as mulheres começaram a ser professoras no século XIX, o salário delas era mais baixo e não podiam ocupar cargos superiores, para as mulheres ingressarem em uma faculdade era necessário a permissão do pai, ou do marido se caso já fossem casadas.

Para finalizar foi apresentado outro vídeo: Mulheres literatura e silenciamento (reportagem: Cássia F. Andrade, Matheus Andrade, Mylena Pinheiro, TV UERJ, 2021) entrevistadas: Giovanna Dealtry professora do Instituto de Letras UERJ; Michele Fanini pesquisadora da USP; Anabelle Loivos professora de literatura da UFRJ, o arquivo foca exatamente na temática do projeto, no entanto o vídeo anterior foi importante na

contextualização do problema e reforçou as leituras realizadas, as quais fundamentaram a pesquisa.

Os alunos relataram alguns pontos importantes sobre o vídeo, quando as mulheres escreviam e tinham nomes desconhecidos os críticos acreditavam que eram pseudônimos, ou seja, era um homem escrevendo e assinando com o nome feminino, e que o gênero interferiu durante muito tempo no juízo estético e nas formas de classificação das produções masculinas e femininas. Observaram no vídeo que a escritora Júlia Lopes de Almeida teve que encarar seu apagamento pela Academia Brasileira de Letras, no entanto, era famosa e suas obras eram lidas, mesmo assim não teve o devido reconhecimento.

Na entrevista Giovanna Dealtry diz que o senso comum era que mulheres não escreviam, as minorias das quais as mulheres faziam parte eram excluídas, tudo que era falado referentes a elas partia de homem, eram taxadas de amadoras, histórias escritas por mulheres desapareceram e segundo o vídeo isso “não era despropositado”, o vídeo mostra também as entrevistas de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles dizendo que ao aparecer seus nomes como escritoras, os críticos diziam que eram pseudônimos. Os alunos observaram a fala da entrevistada prof. Anabelle Loivos, que as mulheres foram escolhidas pelo mercado editorial para não ter voz, pois as atividades de criação escrita eram consideradas monopólio masculino.

No final do vídeo é reforçado que as mulheres estão conseguindo seu espaço atualmente nas grandes feiras literárias realizadas no Brasil como a FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty), festival literário que inseriu o Brasil no circuito dos festivais internacionais de literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa contribuiu para que a temática do silenciamento feminino na literatura amazonense fosse discutida na prática escolar. Além disso, possibilitou que duas obras da literatura amazonense fossem visibilizadas na Educação Básica, dando voz as autoras Violeta Branca e Vera do Val.

Durante a roda de conversa foi perceptível que os meninos que participaram têm consciência sobre os direitos femininos, pois demonstraram indignação sobre os fatos históricos apresentados, e o mais importante o preconceito em torno da mulher está sendo desconstruído e que a escola possui uma importante contribuição nesse processo.

Dessa forma, a pesquisa deu destaque a equidade de gênero por ser uma temática que necessita ser trabalhada no espaço escolar, visando diminuir o preconceito relacionado a visão distorcida sobre a mulher, a fim de reparar vários erros históricos referente a negação dos direitos femininos que foram conquistados com muita luta e mesmo assim ainda existem barreiras em relação a mulher em alguns espaços na sociedade, como profissões é o caso da mulher na literatura, a mulher escritora precisa ser visibilizada e reconhecida.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, PCP. **Proposta Curricular e Pedagógica do Ensino Fundamental e do Ensino Médio**. Secretaria de Educação e Desporto. Manaus, 2021.

BRANCA, Violeta. **Ritmos de inquieta alegria**. Organização e estudo crítico por Tenório Telles. 2ª ed. rev. Manaus: Editora Valer, 1998.

BRASIL. **Base Nacional comum curricular: Educação é a base**. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Brasília, 2019.

CORDEIRO, Elcione Sousa da Silva. **O lugar da poesia de Violeta Branca na produção literária amazonense do século XX**. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas. Tefé, AM: UEA, 2021.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: a história da leitura e do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

PAULA, Jolene da Silva. **A poesia no Amazonas – autoria feminina: Voz e silenciamento**. Dissertação de Mestrado em Letras, UFAM, 2018.

VAL, Vera do. **O imaginário da floresta – Lendas e histórias da Amazônia**. Editora: WMF Martins Fontes, São Paulo, 2007.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Resenha de “As mulheres ou os silêncios da história” de Michelle Perrot**. Revista Estudos Feministas, 16 (1), abril, 2008. Universidade Estadual de Ponta Grossa.